

PATAXÓ: um índio em busca de sua identidade (2.ª de uma série)

O massacre de 51 mata o índio e sua memória

Reportagem de **Márcia Lage** (texto) e **Marcos Guião** (fotos)

DT: Baquirá, qual o verdadeiro motivo do massacre de 51?

Baquirá: Tinha aqui um velho chamado Onório que andava dizendo que era do governo e ia distribuir título de terra. Ele foi ao Rio de Janeiro e voltou com dois homens civilizados, um claro e outro escuro, dizendo que veio marcar a terra dos índios. Chegaram aqui e pegaram a juntar os índios. Junta daqui, junta dali, falando que aqueles que não acompanhasse o partido deles, eles mandavam matar.

DT: E que partido era esse?

Baquirá: E eu lá sei? Só sei que ele foi juntando índio, juntando índio, e quando eles viram que já dava (uns 30 mais ou menos) ele levou nós para Corumbá, para atacar um homem chamado Teodomiro, que tinha uma venda de panos. Chegou lá o Onório deu voz de prisão ao homem, que meteu a mala (Mauser, pistola automática) em cima dele e pã! Ele caiu no chão e se livrou da bala. Ai eles botaram os trem da vendinha do homem pra fora e disseram pros índios: pode apanhar, isto tudo é seu. Índio é bicho bobo, né, apanhamos tudo. Quando a gente voltava, ele mandou os índios cortar o fio do telégrafo e nós cortamos. Cinco dias depois veio a polícia.

DT: E havia muito tempo que Onório e estes dois civilizados estavam na aldeia?

Baquirá: Onório era de por aqui mesmo, mas os outros dois só tinha uns 10 dias.

DT: E como foi o massacre?

Baquirá: Veio a polícia de Santa Cruz e outra de Prado, e uma ficou atirando na outra. E os índios correndo. Quando eles viram o erro, eles juntaram e começaram a bater nos índios. Dois morreram na hora e os outros morreram depois, todo arrebatado de pancada. Bateram em mulher, em menino, não escapou ninguém.

Neste momento a filha de Baquirá, Taiana ("uma cacinha que tem no mato, um passarinho azul", explica ela a origem do seu nome), entra na entrevista para ajudar o pai, já velho e surdo.

Taiana: Papai apanhou muito na cabeça, tiraram todo o sangue da cabeça de papai, quiseram me prender, me matar...

DT: Quantos anos tinha?

Taiana: Eu tinha 12 anos, mas já estava casada.

DT: E escapou como?

Taiana: Prenderam-me em Caralva. Quiseram me matar. Disseram: pode botar esta filha da peste ai, que nós vamos matar ele de tiro. Meteram o fuzil, mas o tiro não deu em nada. Não sei o que foi isso. Fiquei com muito medo, chorei, pedi, mas tem Deus no Céu e Nossa Senhora na Terra e os tiros não saíram. Ai eu fugi. Não sabia notícia nem de meu pai nem de minha mãe nem de meu marido. Fiquei perdida. Ai eu fui parar numa fazenda de um tal Joaquim, pros lados do rio de Alcobaça, depois meu pai foi me buscar.

DT: Quanto tempo depois o sr. conseguiu reunir sua família?

Baquirá: Uns dois anos depois. Foi cada um pra um lado. Eu fui para os lados de Corumbá, fiquei também trabalhando na fazenda, o dono gostava muito de mim, não queria que eu viesse embora. Mas ai a gente ia tendo notícia e eu

Em 1951, a tribo Pataxó foi vítima de um massacre que quase exterminou com aquela raça indígena, sendo a causa principal da dispersão dos sobreviventes em 11 pontos diferentes da reserva e a perda de identidade cultural dos Pataxós.

Para alguns antropólogos baianos, o massacre traumatizou os índios de tal forma que os sobreviventes fizeram questão de esquecer a língua original, cujo tronco vem do macro-jê, e de abandonar todos os costumes da tribo, numa tentativa desesperada de integrar-se à civilização, até que a Funai lá chegou, na segunda metade da década de 70.

Segundo o médico Adriano José Marques de Freitas, chefe da Equipe Volante de Saúde da Funai para as tribos de Minas, Espírito Santo e sul da Bahia, o massacre de 51 foi apenas o último e o mais recente sofrido pelos Pataxós, mas eles mesmos não se lembram de outros.

Parece que não havia lutas entre índios e posseiros na região, pois, as terras habitadas pelos Pataxós são ruins para a agricultura, e o massacre de 51 teve causas políticas. A imprensa baiana que noticiou amplamente os fatos na época dá como causa do massacre a presença na tribo de

um elemento do PCB (Partido Comunista Brasileiro) de Minas Gerais, e de outro companheiro que não foi identificado, e que tentaram sublevar os índios na luta pela posse de terra, provocando a intervenção policial.

O certo é que, na época do massacre, os Pataxós eram cerca de 400 índios, todos habitando Barra Velha. As forças policiais para lá enviadas (uma de Santa Cruz e outra de Prado) chegaram por lados opostos e troçaram tiros entre si por muitas horas, pensando que eram os índios que resistiam.

Estes corriam de um lado para outro entre os dois fogos, morrendo no local dois deles e mais os dois intrusos que tinham ido à aldeia para sublevá-los. Os demais foram espancados, as mulheres estupradas e as crianças dispersadas sem os pais, até que toda a aldeia ficou vazia e foi incendiada.

Hoje, todos os índios mais velhos da tribo dos Pataxós se lembram desta história, mas não gostam de contá-la. Baquirá (que na língua Pataxó quer dizer "índio que mora debaixo da terra") tinha 30 anos na época do massacre e conta como foi:

voltei e fui juntando a minha família. Juntei todo mundo e aqui estamos, eu, meus filhos, meus netos e meus bisnetos.

DT: E como foi a volta?

Baquirá: Foi penosa, né. Eles tinham queimado tudo, as casas, as plantações. Crianças sumiram, morreram. Com minhas filhas não fizeram nada, mas pintaram com as outras mulheres. Até hoje tem gente com medo de outra judiação desta. Muitos ainda não voltaram. A gente tem notícias deles e sabem que eles são Pataxó pelos nomes.

Destruição cultural

DT: E naquela época vocês falavam o Pataxó? O que significa o nome da tribo?

Baquirá: A gente falava Pataxó aqui dentro e português lá fora. Pataxó significa "o que vem do mar", o "barulho do mar". O mar vem na praia e faz páaa. Depois vai escorrendo devagar: Táaa. Até acabar em xóooo.

DT: E vocês tinham alguma festa bonita, alguma música?

Baquirá: Usava uma festa assim: As índias apanhavam mandioca e ralavam e punham numa canoa velha para azedar. Aquilo ficava azedo para danar. Ai elas pegavam a cana, móiam e jogavam a garapa lá. Aquilo ficava que fervia por si só. Ai a gente enfiava um cabo no coco — uns cocão deste tamanho — e tinha uns pandeiros que a gente tocava, bum-dum, bum-dum, e a gente ia dançando com aquele pandeiro e ia na vasilha da bebida e ia bebendo.

DT: E como chamava a bebida?

Baquirá: Era cauim. Era homem, era criança, era jocana (mulher), todo mundo bebendo até a gente cair naquela gamelona de trem, aquela lavagem. E todo mundo ia ficando tonto, era uma farra.

DT: E vocês não fazem mais esta festa?

Taiana: Fazemos, só que no dia do índio; e não qualquer dia, como naquele tempo.

DT: E como era a música?

Baquirá: Eu não tenho voz, não lembro mais.

DT: E o que vocês comiam?

Taiana: A gente comia chpaté (cotia), veado, onça. A gente abria o bicho, tirava as tripas dele, tirava aquilo lá de dentro assim mesmo com a mão e jogava na brasa. Antes de assar direito a gente esticava as tripas no dente. E tá sambando e comendo aquilo. A carne também. Tudo sem assar direito. Hoje eles não gostam que a gente come assim, e também não tem mais caça.

DT: O contato com a civilização mudou estes costumes?

Baquirá: O índio era mais apurado. Agora já misturou. Tem índio casado com branco, com preto. Até 51 era mais apurado. Isto mudou muito os costumes. Entrou o civilizado, tem que mudar. Mas a gente é índio. Criado e nascido aqui. Os bisavós, os avós, tá todo mundo enterrado ali.

Taiana: Você perguntou por música e eu me lembrei de uma. Nos tempos dos velhos eles falavam assim: Cerra o boi, tó cerrando, o boi do mato, tó cerrando. Os mais velhos respondiam: Eeeeeeeee, éeeee. Isto quando matava boi. A gente ficava rodando em volta dele e cantando assim.



Baquirá, 81 anos, é um dos sobreviventes do massacre de 51

Um novo som para os índios

A música dos Pataxós é feita hoje por um jovem de 18 anos, Silvino, índio, já com traços da mistura com outras raças. Ele busca as raízes musicais da tribo, mas não encontrou nada até hoje. Apenas alguns instrumentos de percussão chamados querê (reco-reco), socana (uma madeira onde se atrita um pedaço de pau) e pandeiro.

No dia do índio eles dançam o "Aué", com música em Pataxó, mas composta por Silvino. Não conhecem outra. A música é assim: "Rameia jocana, rameia inré, rameia quitoc, maricane simpé. Hei, hei, hei, hei, há. Rameia quitoc, caquitatibá.

Traduzindo: Dança mulher, dança moça, dança menino, que hoje é dia do índio. Hei, hei, hei, hei, há. Dança menino que aqui está bom. A letra é pobre

mais a melodia é gostosa e com ritmo bom. Esta música é de bolero na radiola á pilha e dançam até de madrugada, dois passos para lá, dois passos para cá, como em qualquer cidade do interior.

DT: Que tipo de música você anda fazendo, e que instrumento você toca?

Silvino: Eu faço umas em Português, outras em Pataxó, e tô aprendendo a tocar violão.

DT: Você já ouviu alguma música típica dos Pataxós?

Silvino: Não, não conheço nenhuma.

DT: Então você está tentando criar uma música própria para a tribo?

Silvino: É.

DT: Dá para mostrar alguma sem ser esta do dia do índio?

Silvino é o compositor da tribo. Ele tenta buscar o ritmo próprio dos Pataxós, mas não encontrou uma única música entre os velhos



O Aué é uma dança que os Pataxós fazem no dia do índio, mas não sabem se ela é antiga ou imposta após o massacre de 51. A música é de Silvino

Silvino: Eu tenho uma que eu fiz sobre a revolta de 1951, mas é em português. E assim: "Eu vou cantar uma história que aconteceu, é muito antiga que eu ainda não existia/, quando em me lembro chega a doer meu coração/ de eu saber o que aconteceu com meus irmãos./Isto passou tão de repente, finalmente/, agora vejo meus irmãos todos contentes/, mas eu ainda ando tristonho da vida/, de eu saber o que aconteceu com a minha gente./Meu pai saiu todo ferido de sua aldeia/, com uma criança a seu lado, não deixaram./ isto eu garanto, falo com toda a certeza./eu não vivi tudo isto mais ouvi./ Agora peço que vocês cantem comigo./ quero também que vocês todos não esqueça./faça o favor de botar também na cabeça./Foi uma luta que eles não vão es-

quecer/ e eu também trago tudo na memória./esta história que eu canto para você./ de minha parte eu nunca vou esquecer.

DT: Você acha que a juventude dos Pataxós vai conseguir manter-se como indígena?

Silvino: A gente tem que lutar, né. Isto é importante para nós, buscar nossa expressão. Mas tá difícil, porque os índios se acostumaram com os brancos e não sabem mais nada da tribo.

DT: E você gosta de ser índio?

Silvino: Eu queria melhorar a vida, ter conforto. A gente não pode ficar só nessa, só trabalhando na roça. A roça mata a gente. O bom era a gente ser índio, mas ter o conforto da civilização. Ter rádio, televisão. Mas ai fica difícil manter a tradição, né?